

## NOTÓRIO SABER E A LUTA CONTRA A HEGEMONIA CULTURAL: A RESISTÊNCIA DAS PERIFÉRIAS NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

### NOTORIOUS KNOWLEDGE AND THE STRUGGLE AGAINST CULTURAL HEGEMONY: RESISTANCE FROM THE PERIPHERIES IN THE CONTEXT OF GLOBALIZATION

 <https://doi.org/10.63330/armv1n6-001>

Submetido em: 08/08/2025 e Publicado em: 12/08/2025

**Everton da Conceição de Oliveira**

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES; bolsista da CAPES  
E-mail: everton.c.oliveira@edu.ufes.br

**Arthur Felipe de Oliveira Fiel**

Professor Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo — UFES  
E-mail: arthur.fiel@ufes.br

#### RESUMO

O presente trabalho busca discutir a contribuição do Notório Saber como referência de resistência cultural dentro e fora das comunidades periféricas, chamando a atenção para como a mesma participa direta e indiretamente na consolidação das identidades presentes em seus territórios, como também na batalha contra a elite dominante que possui o controle da hegemonia cultural. Além disso, buscamos discutir a influência dos mestres e mestras nas universidades como forma de romper o padrão eurocêntrico que ainda se assola no mundo acadêmico. Dessa forma, este trabalho se apresenta como uma revisão bibliográfica através da qual recorreremos a autores como Antonio Gramsci, Stuart Hall, Douglas Kellner, Reymond Willians, Octávio Ianni entre outros, que nos serve de base para discussão do tema. A pesquisa demonstra que ao valorizarmos esses saberes encontrados nas comunidades periféricas disseminados pelos mestres e mestras não apenas ajudamos a perpetuar a inclusão, mas também a desafiar as narrativas hegemônicas que levam essas comunidades e seus mestres a invisibilidade e exclusão de seus saberes.

**Palavras-chave:** Notório Saber; Resistência Cultural; Hegemonia; Saberes Tradicionais; Identidade Periférica.

#### ABSTRACT

This paper seeks to discuss the contribution of Notório Saber as a reference for cultural resistance within and outside peripheral communities, drawing attention to how it participates directly and indirectly in the consolidation of identities present in its territories, as well as in the battle against the dominant elite that controls cultural hegemony. In addition, we seek to discuss the influence of masters in universities as a way of breaking the Eurocentric pattern that still plagues the academic world. Thus, this work is presented as a bibliographic review through which we draw on authors such as Antonio Gramsci, Stuart Hall, Douglas Kellner, Reymond Willians, Octávio Ianni, among others, which serves as a basis for discussion of the theme. The research demonstrates that by valuing the knowledge found in peripheral communities disseminated by masters, we not only help to perpetuate inclusion, but also challenge the hegemonic narratives that lead these communities and their masters to invisibility and exclusion of their knowledge.



**Keywords:** Notorious Knowledge; Cultural Resistance; Hegemony; Traditional Knowledge; Peripheral Identity.



## 1 INTRODUÇÃO

O Notório Saber é uma titulação oferecida a mestres e mestras detentores de saberes tradicionais por universidades que tentam inserir os saberes dos mesmos em seu contexto de atuação. É um conhecimento adquirido fora dos espaços formais e acadêmicos, muitas das vezes transmitido de geração em geração. O título tem a intenção de fazer com que essas figuras sejam reconhecidas formalmente, fazendo promoção direta a inclusão epistêmica de conhecimento que no decorrer da nossa história tem sido colocado em contexto de marginalização pela elite dominante que tem em suas mãos a hegemonia cultural (CARVALHO, 2021). É de grande importância frisar que este título, concedido a mestres e mestras da cultura popular, quase sempre se destaca como base cultural de coletivos e grupos sociais, ajudando na resistência contra as narrativas socioculturais e econômicas impostas pela elite dominante.

A importância dos conhecimentos tradicionais advindos das comunidades periféricas não se nota apenas no exercício do fazer cultural, mas se amplia e gera impactos culturais profundos, atuando no reforço da identidade e integração da comunidade em um cenário e retrato históricos onde esses grupos e coletivos foram e são impostos a marginalidade.

Com este trabalho, nosso objetivo é comprovar que o Notório Saber é simbólico dentro e fora das periferias, trazendo em seu emblema a resistência ao afrontar, a hegemonia cultural, em especial aquela encontrada no mundo acadêmico, tendo em vista que a presença dos mestres e seus saberes no campo científico desafia a lógica eurocêntrica. Isto, pois, ao chegar neste lugar, amplia sua área de atuação e produção de conhecimentos, ganhando valorização dos saberes antes postos à margem da sociedade.

Assim, esta proposta nasce perante a necessidade de valorização e reconhecimento dos conhecimentos e saberes tradicionais, com intuito de lutar contra a invisibilidade e exclusão imposta às comunidades periféricas pelos grupos detentores deste poder. Ao proporcionarmos a integração de mestres e mestras de Notório Saber oriundos, principalmente, de espaços de cultura popular, atuamos diretamente para a criação de novos conhecimentos, abrindo a porta para uma educação onde haverá o diálogo entre o acadêmico e o comunitário, fortalecendo, assim, as identidades culturais e a promoção da justiça social.

## 2 METODOLOGIA

Este trabalho traz uma abordagem crítica e bibliográfica, analisando, conceitos como resistência cultural, hegemonia e identidade, conforme relatam autores consagrados como Douglas Kellner, Stuart Hall, Antonio Gramsci, Raymond Williams, Octavio Ianni, Jose Jorge de Carvalho e outros. Justificamos a escolha dos mesmos devido à compreensão desses autores sobre dinâmica de poder, valorização dos saberes tradicionais e resistência epistêmica, conduzimos a análise crítica sempre dialogando entre essas teorias e a realidade enfrentada pelos mestres e mestras dentro de suas periferias e fora delas, trazendo a questão sempre para o lado de combate a invisibilidade e exclusão dos saberes em espaços acadêmicos.



### 3 SABERES TRADICIONAIS NAS PERIFERIAS: RESISTÊNCIA, IDENTIDADE E RECONHECIMENTO POR MEIO DO NOTÓRIO SABER

A periferia, mesmo sofrendo o processo de marginalização e invisibilidade, continua a fornecer uma gama de riqueza e cultura que ajuda as comunidades a resistir. Mesmo com a problemática da homogeneização cultural e a globalização as comunidades periféricas continuam sofrendo transformações e mostram que ao contrário do que muita gente pensa elas não apenas sobrevivem, mas participam direta e indiretamente na criação de formas únicas que ajudam a perpetuar a resistência cultural.

Segundo Ana Lúcia de Souza em sua obra *Cultura política nas periferias*, a periferia é periferia em qualquer lugar que se vá ela vai ser periferia, mas temos que levar em conta que apesar das semelhanças que se apresentam existem diferenças e singularidades que nos levam a pensar sobre a forma de vida desses sujeitos nas diversas periferias do Brasil. (SOUZA, 2021, p. 13)

O contexto cultural periférico que aqui está sendo mostrado é reestruturado pela chamada reexistência, conceito que mostra a capacidade das comunidades darem novos significados aos seus saberes e práticas, lutando contra os obstáculos postos pela hegemonia cultural comandada pela elite dominante.

No Brasil, podemos observar que as tradições populares fazem o papel de ferramenta de fortalecimento nas comunidades periféricas, ajudando na preservação cultural e na resistência contra a pressão de globalização. Em seu trabalho, Adalberto Silva Santos relata que a construção da resistência cultural é desenvolvida por intermédio de articulações com seu entorno que carrega e preserva a memória coletiva, dando origem a novas formas de identificação.

Ele ainda contribui dizendo que:

No Brasil não se produziu uma cultura de bem-estar capaz de incorporar a vitalidade dos movimentos indenitários aos processos de desenvolvimento socioeconômico nacional e local. Movimentos de resistência que estruturam identidades de projeto só começam a ganhar espaço na cena nacional a partir da consolidação das leis de incentivo nas esferas nacional e estadual, mas esse movimento tem que lutar contra regimes autoritários (SANTOS, 2020, p13).

Dentro dessas comunidades aparecem figuras importantíssimas que através dos seus saberes ajudam a disseminar a cultura possibilitando diminuir a invisibilidade e a exclusão, pessoas que aqui neste trabalho ficarão conhecidas como detentores e detentoras de saberes tradicionais também chamados de mestres e mestras de notório saber. Essas figuras, através dos seus saberes, transmitem conhecimentos que ajudam a preservar sua história, a história da comunidade e o sentimento de pertencimento que embasa a luta por reconhecimento.

De modo mais específico, os detentores e detentoras de saberes tradicionais, através de seus saberes culturais, fazem com que a comunidade periférica passe a ser mais resistente e resiliente, dando possibilidade de que reconheça sua identidade, ocasionando uma transformação social. Esses mestres, além



de manterem vivos conhecimentos que muitas das vezes foram passados para eles de geração em geração, fazem a representação de um povo que luta pela visibilidade e inclusão.

O fato é que esses mestres e mestras possuem uma importância tão grande que há alguns anos já se discute a participação deles, nas escolas e universidades, mediante uma titulação denominada de Notório Saber. Essa titulação não apenas oportuniza dando possibilidades desses detentores e detentoras de atuarem nas escolas e universidades, mas também de mostrar a riqueza cultural e patrimonial existente nas periferias fortalecendo as mesmas, transcendendo a periferia, espaços acadêmicos e instituições atuando direta e indiretamente no desenvolvimento social e comunitário.

Uma das ideias deste trabalho é fazer com que os saberes tradicionais desses mestres e mestras se inter-relacionem com os saberes acadêmicos e universitários para ser capaz de fazer história levando propostas de transformação da maneira como as políticas públicas atuam em relação aos saberes da periferia e aos seus detentores e detentoras, e, em simultâneo, mostrar como esses conhecimentos de origem popular podem se caracterizar como instrumentos de luta resistência, resiliência e identidade nas comunidades e até mesmo fora delas.

Se formos olhar na história do nosso Brasil veremos que os ditos saberes tradicionais por longo tempo vêm sofrendo com o olhar de deslegitimação e marginalização pelas elites que dominam as maiores instituições do nosso país inclusive pelas instituições de ensino que muita das vezes observa esses saberes culturais apenas como temas de trabalhos acadêmicos voltados para pesquisas. Em contrapartida, nos últimos anos já percebemos o nascimento de um olhar mais apurado, inclusive das universidades públicas, que já conversam com um tom mais humanizado, percebendo a importância desse saber inclusive dentro de seus espaços. Por intervenção dessas universidades, começam a ser criados instrumentos capazes de focar nos conhecimentos periféricos e de realizar o reconhecimento institucional dos detentores e detentoras de saberes tradicionais, conceituando-os como mestres e mestras de Notório Saber. (GOULART, 2021, p. 3).

O que de fato marca esse período é o movimento em série de várias universidades fazendo um movimento não isolado que traz na sua vertente fatores que se relacionam a experiências como a pluralização de saberes, expansão do ideário e dos conceitos que classificam o mestre ou mestra de Notório Saber e a interligação desses conceitos nas políticas públicas culturais, que de certa forma alavancou a inclusão e a criação de propostas e projetos que deram certa visibilidade passageira, tendo em vista que não vemos a continuidade de fato dessas propostas nas comunidades periféricas.

É de grande importância frisar que este título de notório saber pode ser considerado o reconhecimento máximo e formal adquirido por meio de práticas tradicionais onde estão classificadas vivências e experiências que de certa forma atuam na sociedade produzindo algum bem, e que não precisam ter sido aprendido necessariamente no meio acadêmico. Esta titulação quase sempre é dada às pessoas das



áreas culturais e comunitárias, fortificando a valorização do conhecimento do mestre ou mestra.

O título de Notório Saber é oferecido a uma pessoa que não possui titulação de doutorado acadêmico, mas que devido sua atuação nas comunidades periféricas conquistou seu lugar de referência em alguma determinada prática de atuação se comparando ao de um doutor, este título pelo que nos informa Bruno Goulart, teve sua utilização em primeira mão nas universidades brasileiras tendo duas visões em mente a primeira era buscar pessoas para atuarem nas recém-criadas pós-graduações e a segunda para que houvesse a promoção e reconhecimento desses saberes para atuarem no campo de docência. (GOULART, 2021, p. 10).

Mesmo com toda a importância vista sobre os detentores e detentoras de saberes tradicionais, ainda assim podemos perceber a desvalorização com a pessoa do mestre ou mestra, que acabam de certa forma sendo invisibilizados e excluídos sem o seu reconhecimento real pela elite dominante. Goulart relata que em 2020 foi convidado para fazer parte de uma pesquisa na universidade Internacional da Lusofonia Afro Brasileira que se iniciou com o intuito de estudar e encontrar formas de fortalecer e reconhecer o título de notório saber dado aos mestres e mestras detentores de saberes tradicionais.

No evento, foi elaborada uma minuta posta em votação e aprovada no CONSEPE em fevereiro de 2021 de forma unânime. Resolução nº53, de 11 de fevereiro de 2021, aprova a criação do título de Notório Saber em Artes, Ofícios e Cosmologias Tradicionais e regulamenta a expedição do certificado no âmbito da universidade da integração Internacional da Lusófona Afro brasileira. (GOULART, 2021, p. 3).

### 3.1 MESTRES E MESTRAS DE SABERES TRADICIONAIS: RESISTÊNCIA CULTURAL NA LUTA CONTRA A HEGEMONIA

Mesmo com sua importância mestres e mestras detentores e detentoras de saberes tradicionais sofrem infelizmente com a invisibilidade das suas pessoas e das suas comunidades enfrentando desafios grandiosos para se adaptarem as novas realidades impostas pela elite dominante que tem em suas mãos a hegemonia cultural. Para contribuir com a veracidade deste texto trazemos os pensamentos de vários autores começando com Nestor Kohan com sua visão sobre hegemonia onde o mesmo demonstra dizendo que existe diferença entre as lutas sociais afirmando que tanto na esfera econômica quanto na cultural existe a interação da manifestação da hegemonia sendo utilizadas por escolas, igrejas, instituições e a mídia.

Ao refletir sobre a hegemonia Gramsci adverte que a homogeneidade da consciência própria de um coletivo social e a desagregação de seu inimigo se realiza precisamente no terreno da batalha cultural. Eis aí sua tremenda atualidade para pensar e atuar nas condições abertas pela globalização capitalista, sua guerra ideológica contra toda dissidência radical, sua dominação cultural mundializada e sua fabricação industrial do consenso! Gramsci não se adentra nos problemas da cultura para tentar legitimar a governabilidade consensual e "pluralista" do capitalismo, mas para derrubá-lo. (KOHAN, 2007, p. 18, citando GRAMSCI)



Podemos perceber que a citação de Gramsci demonstrada por Kohan (2007) deixa em evidência que o domínio de um grupo sobre outro coletivo é perpetuado por meio de lutas e batalhas que ocorrem no campo cultural, demonstrando que a luta também gira em torno não só da política e economia mais abrange também a conquista da mente e do coração atingindo diretamente as ideologias, valores e práticas culturais.

É possível perceber também que a globalização não se trata apenas de um processo que gira em torno da economia, mas de uma guerra ideológica que impõe sua hegemonia cultural dominante que amplifica a força do capitalismo ajudando de forma direta ou indireta na dissipação da dominação cultural em escala mundial. É importante ressaltar que na maioria das vezes essa forma de dominação não acontece somente pela repressão, mas também pelo consenso da população que acredita no que está sendo feito contra eles como se fosse algo certo devido à influência cultural, construindo o que podemos chamar de consenso industrializado.

Percebemos então que Kohan (2007) nos mostra em detalhes que Gramsci não faz uma análise das problemáticas que giram ao redor da cultura e nem se preocupa em justificar a forma de como o capitalismo atua, a preocupação do mesmo é em como combater e derrubar esse sistema. Para Gramsci, a análise cultural pode servir de instrumento na luta contra as estruturas de poder dominantes.

Proporcionando uma inter-relação das ideias de Kohan ao tema da resistência, resiliência e identidade é possível dizer que por meio da visão de Gramsci que acredita que a luta contra a hegemonia se manifesta em área de batalha cultural, podemos afirmar com toda certeza que os mestres e mestras podem utilizar suas práticas como meio de resistir a dominação imposta. Essas figuras mantêm uma resistência à fabricação industrial do consenso, que tenta de todas as formas suprir identidades e culturas locais e integrar as demais culturas em um molde capitalista homogêneo.

#### **4 RESSIGNIFICAÇÃO CULTURAL: RESISTÊNCIA À HEGEMONIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA PERSPECTIVA DE DOUGLAS KELLNER**

A pesquisa de Antonio Gramsci citada por Guimarães (2023) sobre a concepção de hegemonia nos apresenta com uma visão mais ampla sobre a maneira como o poder se constitui e se sustenta em corpo social capitalista.

Para Gramsci, a hegemonia não se limita ao domínio político ou econômico, mas também compreende a capacidade das categorias dominantes de reforçar o seu poder através da ideologia, modelando os credos, princípios e práticas das massas. Esse método acontece através dos chamados aparelhos privados de hegemonia, como a educação, a imprensa e outras organizações, que não apenas difundem a ideologia dominante, como também promovem a naturalização da ordem social vigente. Contudo, Gramsci admite que as classes que se encontram subalternas não se mantêm em ação de passividade diante desse domínio. E sim o oposto, buscando maneiras de resistência, seja na formação e



concepção de uma contra-expressão, propondo um olhar amplo para novas possibilidades de mundo, seja na objeção dos princípios determinados.

Nessa conjuntura, os conhecimentos populares executam uma função fundamental. Esses saberes fundamentam suas raízes em costumes e hábitos ancestrais e locais, que em processo contínuo se mantêm em oposição ao padrão de conhecimento hegemônico, que favorece a ciência moderna, cartesiana e técnica. Sistemáticamente, as comunidades possuidoras de conhecimentos populares, como os povos originários, quilombolas e outros, se veem à margem da sociedade, sendo suas formas de conhecimento deslegitimadas ou ignoradas pelos grupos educacionais formais e pelas políticas públicas. Contudo, essas comunidades não somente sustentam sua resistência por intermédio de mecanismos culturais e de práticas populares, mas também procuram a validação e o reconhecimento desses conhecimentos, saberes e práticas no espaço institucional e acadêmico.

O conceito de Notório Saber se desenvolve como uma forma de tentativa de valorização e reconhecimento desses conhecimentos populares, em particular no cenário educativo e cultural. No Brasil, a título de exemplo, o Notório Saber concede que mestres e mestras de culturas tradicionais sejam legitimados por suas colaborações ao acervo cultural imaterial do país. Essa legislação se compromete a reconhecer formalmente a relevância dos conhecimentos tradicionais, englobando as artes, os ofícios e as cosmologias, e assegurar a incorporação desses mestres e mestras no espaço universitário e educacional. Essa validação, apesar de significativa, também passa por desafios constantes, como a resistência institucional, a falta de regulamentação clara e a dificuldade de integração dos saberes tradicionais ao currículo acadêmico.

O método de reconhecimento do Notório Saber, por mais que tenha seus entraves, pode ser analisado como uma maneira de resistência institucionalizada. Ele simboliza uma investida de modificar o modelo hegemônico de saber e proporcionar uma maior diversidade epistemológica no contexto educacional e na sociedade em geral. No entanto, a resistência dos mestres e mestras de conhecimentos populares não se resumem somente ao reconhecimento academicista, mas também se manifesta na preservação e difusão dessas práticas no interior das próprias comunidades, nos modelos de vida habitual e nos ambientes culturais alternativos. A resistência se concebe, deste modo, tanto nas esferas formais da educação quanto nas práticas informais de ensino e aprendizado.

Contudo, a situação atual, que envolve a tensão hegemonia demarcada pelo desenvolvimento da extrema-direita e pelo aumento de informações falsas, põe dificuldades adicionais a essa resistência. A desintegração do senso comum, a crise de segurança nas instituições tradicionais e a ascendência de novos formatos de domínio ideológico, como as redes sociais, atrapalham a fabricação de uma contra hegemonia sólida.

A desinformação, como de exemplo, produz um espaço de intensa desintegração e desorganização,



onde é gradativamente mais custoso construir uma argumentação racional e fundamentada. Nesse contexto, a resistência das comunidades populares torna-se ainda mais relevante, visto que retrata um esforço de conservar e promover um formato de conhecimento que não esteja vinculado ao capital, ao poderio estatal ou às plataformas digitais que possuem o controle direto da informação.

Resumidamente, a ligação entre hegemonia, conhecimentos, saberes e práticas tradicionais, notório saber e resistência é confusa e de muitas faces. Os embates por legitimação e valorização dos conhecimentos populares não se constroem apenas no interior das universidades ou das instituições políticas, se perpassando para os campos culturais e sociais, onde os saberes e práticas das comunidades tradicionais resistem ao extermínio e à marginalização.

A instabilidade da hegemonia atual, nutrida pela desinformação e pela diminuição da confiança nas instituições tradicionais, põe ainda mais em evidência a relevância da resistência das comunidades tradicionais, que permanecem a lutar pela preservação de suas identidades e pela validação de seus saberes. O Notório Saber aparece, portanto, como um instrumento que potencializa a resistência contra a homogeneização do conhecimento e de afirmação da diversidade epistemológica, mas também como um campo de disputa que exige vigilância constante diante das forças que tentam redefinir o que é considerado saber legítimo e válido em nossa sociedade.

Douglas Kellner através de suas ideias, pode ajudar a entender de que forma a sociedade pode combater a globalização e a hegemonia cultural. Para Kellner (2001, p. 11) “o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e gerar significados, identidade e forma de vida própria”.

Acreditamos que a ideia de Kellner é mostrar o quanto a sociedade pode resistir a opressão transmitidas pelas mensagens dos grupos dominantes, demonstrando que não é necessária uma atuação de passividade perante o que é oferecido e imposto pelos dominadores, mostrando que a sociedade agindo em conjunto tem a capacidade de fazer o questionamento contra a hegemonia e globalização.

Ajudando a fundamentar essa ideia podemos ainda dizer que para Kellner (2001) a formulação de uma leitura própria pelos grupos e coletivos que sofrem a repressão advinda da dominação, possibilita a criação de sua própria maneira de apropriação da cultura de massa, dando a possibilidade de que a sociedade possa refletir da forma que achar melhor sobre as informações que chegam por meio de mensagens da cultura de massa, ou seja, da forma que faz sentido para as mesmas.

O mais interessante disso tudo é que as pessoas poderão utilizar suas vivências culturais e pessoais para se fortalecerem, dando origem aos seus próprios significados e desenvolvendo métodos para fortalecer suas identidades e como vivem dentro de suas comunidades periféricas. Dessa forma, veremos um contexto onde se terá um processo de ressignificação e construção de identidade, onde a cultura de massa será



reconfigurada para levar em conta as necessidades e vários outros fatores encontrados nas comunidades de periferia.

## **5 CODIFICAÇÃO E DECODIFICAÇÃO CULTURAL: A RESISTÊNCIA DOS SABERES POPULARES NAS COMUNIDADES PERIFÉRICAS**

Outro autor que pode nos ajudar bastante a compreender tudo isso abordado até agora, é o jamaicano Stuart Hall com sua visão sobre a codificação e decodificação encontrada no seu ensaio denominado de Da diáspora Identidades e Mediações Culturais, mas antes de fazer o alinhamento de sua teoria ao que estamos abordando neste trabalho é necessário dizer que o autor observa a cultura como se fosse um campo sonoro onde variedades de significados são constituídos e contrariados.

Hall faz a sugestão enfatizando que a comunicação seja um método ativo, tendo em vista que as mensagens são codificadas com interesse particular de que haja a decodificação de diversas formas por quem as recebe. O autor ainda faz uma argumentação onde deixa claro que a identidade cultural não é algo inato, sendo formulada e reformulada devido ao processo histórico e cultural. O autor ainda vai além, argumentando que a mídia é um instrumento fundamental na disseminação de discursos hegemônicos que continuamente insistem em colocar grupos e coletivos em situação de marginalização por intermédio de discursos estereotipados.

O trabalho de Hall (2003) se inter-relaciona aos conhecimentos tradicionais advindos da periferia tendo em vista que podem ser observados e entendidos como uma maneira de decodificação que se mantém em oposição onde praticas e valores de uma determinada localidade contrariam e propõem a ressignificação da cultura dominante, refletindo de maneira direta ou indireta a resiliência, por meio da resistência á assimilação das ideias hegemônicas e identidade, provocando o fortalecimento de símbolos próprios.

É importante frisar que os detentores e detentoras da cultura popular são fundamentais na construção e reestruturação da identidade periférica comunitária, essas figuras ao promoverem a valorização desses saberes por meio de sua atuação proporciona resistência simbólica que fortifica a resiliência coletiva nos demais grupos entrando em conflito a marginalização econômica, social e cultural.

As narrativas criadas e dissipadas pelos mestres da cultura popular proporcionam um desafio direto aos discursos estereotipados lançados pelo grupo hegemônico sobre as comunidades de periferias. Resumidamente falando, as visões de Hall nos dão uma estrutura para entendermos de que forma os conhecimentos, saberes e práticas populares agem como instrumento de resistência cultural e resiliência coletiva, construindo e reformulando identidades que se opõem à hegemonia.

É importante salientar que os saberes advindos das comunidades periféricas são de grande importância não só sobre a ótica da preservação cultural, mas abarca vários campos como sustentabilidade e inovação em diversos contextos, como áreas medicinais, agrícolas e ecológicos que ao longo de



séculos foram repassados de geração em geração, que na maioria das vezes são mal vistas e deixadas de lado pelos estudos científicos atuais.

Tradicionalmente, a pesquisa em comunicação de massa tem concebido o processo comunicativo em termos de um circuito. Esse modelo tem sido criticado pela sua linearidade — emissor/mensagem/receptor; por sua concentração no nível da troca de mensagens, e pela ausência de uma concepção estruturada dos diferentes momentos enquanto complexa estrutura de relações. Mas é também possível (e útil) pensar esse processo em termos de uma estrutura produzida e sustentada através da articulação de momentos distintos, mas interligados — produção, circulação distribuição /consumo, reprodução. (HALL, 2003, p. 387).

Podemos perceber que a citação de Hall nos mostra claramente que a comunicação não é e não pode ser vista como um processo simples, mas como algo que se manifesta mediante uma rede com dinâmica interacional. Deste ponto de vista, podemos acreditar que o conceito pode ser agregado à maneira como as informações culturais são formadas e lançadas e, em simultâneo, recebidas pelos coletivos e comunidades periféricas.

Ao pôr em evidência a interação que se fundamenta em momentos comunicativos, podemos acreditar que os conhecimentos e práticas tradicionais podem ser considerados como instrumentos de resistência da mesma maneira que as mensagens podem ser codificadas de maneiras diversas.

Podemos dizer sem sombra de dúvidas que os saberes populares podem ser abordados como meio de resistência contra as falácias estereotipadas que põem em estado de marginalização grupos e coletivos. Fica evidente que a noção de complexidade estruturada encontrada no processo comunicativo nos proporciona o entendimento de como os saberes culturais das comunidades periféricas não são inatas, atuando diretamente contra as forças dominantes hegemônicas.

## **6 GLOBALIZAÇÃO, RUPTURAS E RESISTÊNCIA: O PAPEL DOS SABERES TRADICIONAIS NA VALORIZAÇÃO CULTURAL DAS PERIFERIAS**

Octávio Ianni em seu ensaio conhecido como *A Sociedade Mundial e o Retorno da Grande Teoria*, faz uma contribuição bastante significativa em relação à Globalização, onde a mesma diz que:

O processo de globalização envolve uma ruptura de amplas proporções, abalando mais ou menos profundamente os quadros sociais e mentais de referência de uns e outros em todo o mundo. Trata-se de uma ruptura simultaneamente histórica e epistemológica, provocando obsolescências e ressurgências de realidades e formas de pensamento, bem como o desafio de se taquígrafarem as novas realidades, formas de sociabilidade, jogos de forças sociais, formas de vida e trabalho, modos de ser, compreendendo evidentemente novos conceitos e novas categorias com os quais se buscam a "compreensão" e a "explicação" da realidade. (IANNI, 2003, p. 331)

É possível por meio da citação de Ianni ter a noção de que a globalização proporciona rupturas de proporções inimagináveis que afetam direta ou indiretamente os quadros mentais e sociais que se caracterizam como referência de um e de outro em uma escala mundial, provocando mudanças nas mentes



das pessoas. Essas rupturas carregam uma fundamentação epistemológica e histórica que provocam as tais obsolescências e ressurgências de realidades e maneiras de pensamento.

É importante dizer que quando se fala da historicidade e epistemologia das rupturas, estamos fazendo um diálogo referente a algo que provoca alterações de eventos e práticas no tempo e que de certa forma proporciona mudanças na forma como entendemos e adquirimos conhecimentos. Podemos dizer sem sombra de dúvidas que a globalização desafia a sociedade a se adaptar às novas realidades, desenvolvendo novos conceitos até mesmo para sobreviver às transformações ocasionadas pela globalização.

Fazendo a inter-relação das ideias de Ianni (2003) ao tema Resistência, Resiliência e Identidade: O Papel dos Detentores de Saberes tradicionais na Valorização Cultural das Periferias, a citação vista acima nos proporciona uma visão ampliada de como o processo de globalização impõe de maneira arbitrária novos formatos de realidades e categorias.

Os Mestres da cultura popular dentro de suas comunidades exemplificam através de suas atitudes como eles e as demais periferias resistem a essa imposição homogenizadora que surge por meio da globalização. Essas figuras, através da preservação de sua cultura e saberes, batem de frente contra essa dominação cultural que se espalhou por todo mundo.

Tendo em vista que a globalização provoca mudanças profundas no contexto social e cultural é importante dizer que as comunidades de periferia, por meio de seus conhecimentos, saberes e práticas demonstram total resiliência a partir do momento em que passam a se adaptar e reinventar novas formas de atuar e de viver para enfrentar os desafios impostos pela globalização.

Podemos entender ainda por intermédio da citação de Ianni (2003) que as novas formas de compreensão da realidade, pode ser vista nas comunidades periféricas pela reafirmação de identidades estimuladas pelos saberes e práticas de tradições culturais passadas pelos mestres e mestras. Acreditamos que os grupos e coletivos utilizam seus conhecimentos para se adaptar as realidades impostas pela globalização. Dessa maneira existe a construção e a manutenção de uma identidade própria que se diferencia da cultura de massa dominante, passando assim a fortalecer ainda mais a autoestima e a coesão das comunidades de periferia.

Assim sendo podemos concluir que a citação de Ianni pode ser analisada e interpretada como uma resposta das práticas de resistência, resiliência e identidade nas comunidades de periferias onde os conhecimentos e práticas agem como instrumentos principais na valorização cultural e na luta contra a hegemonia cultural imposta pela globalização.

Dando continuidade ao artigo traremos agora um influente crítico cultural, também conhecido como um dos fundadores dos estudos culturais que no percorrer de sua vida procurou desenvolver abordagens interdisciplinares focando na cultura, analisando os formatos literários, as práticas culturais e as organizações sociais e como as mesmas se relacionam e provocam transformações na sociedade, estamos



falando de Raymond Willians.

O autor em seu ensaio denominado de Base e superestrutura na Cultura Marxista faz uma discussão chamando a atenção de como a cultura e as práticas sociais são importantes para compreendermos as estruturas de poder e resistência, tendo em vista que o mesmo analisa a interação entre base econômica e a superestrutura cultural na visão Marxista.

Para uma fácil compreensão, Willians (2011) faz uma análise de como a maneira de produção econômica define as instituições culturais, políticas e ideológicas, deixando em evidência que essa relação aqui demonstrada não se determina simplesmente em causa e efeito, mas de uma relação multifacetada onde observamos que a superestrutura também tem sua maneira de influenciar a base.

Willians (2011, p. 46) enfatiza que:

Pois enquanto uma determinada fase do desenvolvimento da produção pode ser descoberta e especificada por meio da análise, ela nunca é, na prática, uniforme ou estática. De fato, uma das proposições centrais do sentido da história em Marx é a de que existem contradições profundas nas relações de produção e nas consequentes relações sociais.

Por intermédio da citação, é possível perceber que existe uma relação onde a produção se mostra contraditória e dinâmica, uma ideia importante vista sobre as visões de Marx. Podemos ver claramente também que as fases do desenvolvimento não se mostram inertes, mostrando ainda as dinâmicas multifacetadas que interagem entre a cultura e a superestrutura.

Fazendo uma inter-relação direta das ideias de Willians com o tema: Resistência, Resiliência e Identidade: O Papel dos Detentores de Saberes tradicionais na Valorização Cultural das Periferias, podemos dizer que as contradições que aparecem na citação acima demonstram fortemente as desigualdades e anseios que se apresentam nas periferias.

Detentores de conhecimentos populares que aparecem como líderes de comunidades, mestres e mestras de capoeira, e vários outros, manuseiam suas práticas para servir de resistência às imposições culturais e sociais advindas das classes dominantes. Por meio de seus saberes, esses agenciadores criam espaços onde fazem com que seu grupo, coletivo, resista culturalmente, mantendo suas tradições e buscando com que as mesmas sejam valorizadas, desafiando as falácias hegemônicas.

Podemos ver ainda a resiliência se destacando no momento em que é falado que as condições sociais e econômicas não são inertes e estão sempre ligadas à resiliência das comunidades de periferia. Os mestres como já abordado em autores anteriores, demonstram a resiliência por meio da adaptação de suas práticas com intuito de sobreviver às mudanças e adversidades impostas, dessa maneira garantem a sobrevivência e manutenção de sua cultura, esses meios de se adaptar é fundamental para enfrentar as mudanças sociais e econômicas.

Quando é dito que existem contradições profundas nas relações de produção e nas relações sociais,



isso está, refletido diretamente nas lutas pela identidade que ocorrem nas comunidades periféricas? Os detentores e detentoras de conhecimentos tradicionais são cruciais para se ter um olhar voltado para a valorização cultural e para manter e transmitir esses saberes que atuam no reforço comunitário.

Dessa forma, a citação de Marx relatada por Willians (2011) ajuda a mostrar como as práticas de resistência, resiliência e a valorização da identidade cultural se conectam nas periferias por meio dos conhecimentos e saberes tradicionais. Ao explorar as distinções e o dinamismo das conexões sociais e de fabricação podemos nitidamente observar a sugestão de um apoio teórico que expõe a importância dos detentores e detentoras da cultura popular no enfrentamento contra a marginalização e na ascensão de uma identidade cultural rica e resiliente.

## **7 REFLEXÕES CRÍTICAS E EXEMPLOS PRÁTICOS**

O Notório Saber vai além de um mero título emblemático, retratando uma possibilidade para repensar os limites entre o conhecimento formal e os saberes populares. Podemos utilizar como exemplo notável a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, conhecida como UNILAB, onde mestres que detêm o conhecimento popular passaram a colaborar expressivamente em locais de ensino e pesquisa. Esta movimentação não somente certifica seus saberes e práticas, como também faz uma provocação direta às bases epistemológicas eurocêntricas que exercem seu domínio no ensino superior. Todavia, é essencial debater se as universidades estão aptas para manter uma comunicação intercultural constante e reformadora.

O reconhecimento dos conhecimentos advindos da periferia também deve ser auxiliado por uma crítica às consequências culturais provocadas pela globalização. Ianni (2003) salienta que a globalização estabelece rupturas importantes nos formatos de sociabilidade e modos de vida, constantemente homogeneizando identidades locais. Neste cenário, mestres e mestras da cultura popular simbolizam tanto resistência como também resiliência. Suas práticas culturais, como os artesanatos, capoeira, rituais espirituais e outros, são instrumentos de reconstrução identitária que desafiam a hegemonia cultural compulsória.

Entretanto, é indispensável ir além do reconhecimento acadêmico. Sugestões de políticas públicas mais fortes e bem desenvolvidas, como programas de salvaguarda do patrimônio imaterial, são cruciais para assegurar a assiduidade e valorização desses conhecimentos. As universidades podem operar como mediadoras, oferecendo sustentação estrutural, visibilidade e aporte financeiro para projetos culturais e científicos guiados e liderados por mestres de saberes populares. Esse suporte dá forças para as comunidades locais, assegurando que seus conhecimentos não somente se mantenham vivos, mas que também floresçam como possibilidades ao conhecimento hegemônico.

A resistência proporcionada pelos conhecimentos e práticas periféricas pode ser vista, em última



análise, como uma explicação à crise contemporânea de desinformação e fragmentação epistêmica. A incorporação de mestres e mestras no ambiente acadêmico evidencia uma chance de popularizar o conhecimento e articular uma verdadeira diversidade epistemológica, contestando narrações que há séculos invisibilizam essas culturas.

## 8 CONCLUSÃO

Reconhecer de forma oficial os saberes e práticas de periferia por meio do título de Notório Saber é contribuir e participar não somente no andamento do processo da valorização desses conhecimentos que historicamente foram excluídos, como também oportunizar uma maior interatividade entre saberes e práticas populares e conhecimentos acadêmicos e comunitários. Ao incluir mestres e mestras detentores e detentoras de conhecimentos tradicionais nos espaços formais de educação, o segmento cultural e a própria desenvolvimento de saberes e cultura passam a ser fortificados, em excepcional, ao romper com a invisibilidade forçada ao longo dos séculos. Nesta circunstância, a incorporação aqui relatada passa a ser um procedimento de combate à exclusão e abertura de portas para a execução de uma comunicação mais epistêmica, diversificada e democrática.

Desta forma, este trabalho revela a relevância de políticas públicas para desfragmentar essa exclusão e invisibilidade com a elaboração de projetos que beneficiem mestres e mestras fora e dentro de suas comunidades. Como vimos, pelo meio de programas como o Salva Guarda do Patrimônio Imaterial é possível consolidar esses conhecimentos e assegurar sua conservação e continuação para as próximas gerações.

Assim sendo, entendemos que o Notório Saber não pode e não deve ser considerado apenas como uma ferramenta de consagração simbólica, mas como algo que permite resistência e transformação cultural, que desfragmenta obstáculos históricos, gerando novas possibilidades de conhecimentos. Temos certeza de que a continuidade desse processo depende da interação entre comunidade, academia e políticas públicas que certifiquem, de fato, que os saberes e conhecimentos advindos desses detentores e detentoras sejam mantidos vivos e preservando suas vitalidades e relevâncias no futuro.



## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, José Jorge de. Notório saber para os mestres e mestras dos povos e comunidades tradicionais: uma revolução no mundo acadêmico brasileiro. *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 54-77, jan./abr. 2021.
- GOULART, Bruno. Notório saber para os (as) mestres(as): caminhos para o reconhecimento institucional dos saberes tradicionais. *Revista Mundaú*, v. 2, número especial, p. 144-167, 2021
- HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org.). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- IANNI, Octavio. A sociedade mundial e o retorno da grande teoria. In: LOPES, Maria Immacolata (Org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: EDUSC, 2001.
- KOHAN, Néstor. A herança do fetichismo e o desafio da hegemonia em uma época de rebeldia. *Revista Novos Rumos*, n. 48, ano 22, 2007.
- SANTOS, Adalberto Silva. *Resistência Cultural e Identidade nas Comunidades Periféricas*. São Paulo, 2020.
- SOUZA, Ana Lúcia de. *Cultura Política nas Periferias*. São Paulo, 2021. WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.